

GILDÁ DE MELLO E SOUZA



O ESPÍRITO
DAS ROUPAS

A MODA NO SÉCULO DEZENOVE

11034

COMPANHIA DAS LETRAS

A LUTA DAS CLASSES



Um contraste não menos nítido que o da oposição dos sexos é o fornecido pela oposição das classes numa determinada sociedade, a qual tende a se revelar através de certos sinais exteriores como a vestimenta, as maneiras, a linguagem, chegando mesmo a refletir-se no modo pelo qual as pessoas se distribuem no espaço geográfico.

É assim que podemos, por assim dizer, visualizar as sutis diferenças que separam os grupos entre si, pois elas aqui e ali se petrificam, as diversas áreas residenciais urbanas simbolizando as diversas classes sociais, os indivíduos espalhando-se pelos bairros de uma cidade de acordo com os grupos a que pertencem, como se procurassem, através de uma unidade local, reforçar a identidade de usos e costumes, de hábitos e mentalidade. Como se, numa existência de aproximação constante e de freqüente confusão de seres de estratos diversos a que a vida urbana nos obriga, fosse necessário, para preservar uma demarcação social existente mas ameaçada, reforçar a todo momento uma realidade imponderável, cuja exteriorização conferisse a cada um uma segurança maior. Os próprios lugares públicos repetem ainda a hierarquia da sociedade, que se estampa nos assentos de um teatro, onde as frisas e os camarotes dominam em seu status superior a platéia, em que esta, por sua vez, avança na frente dos balcões, o anfiteatro fechando plebeicamente o círculo do público. Que se reflete nos salões dos restaurantes onde, às vezes, ao lado do salão anônimo que serve à

clientela distinta mas mais ou menos amorfa, situa-se a sala pequena em que apenas tem acesso a alta nobreza dos Charlus e dos condes de Saint Loup.¹ Assim, os bairros de uma cidade, a disposição dos lugares de um teatro, o desdobramento das salas de um restaurante, nos oferecem uma visão concreta de certos afastamentos e contrastes da sociedade.

No entanto, à maneira de uma radiografia que nos revela, na sua nitidez, detalhes imperceptíveis ao olho nu mas que, sendo estática, não retém a vida, o palpar do coração, o fluir constante do sangue nas artérias, enfim, os fenômenos fisiológicos que se produzem no interior do nosso corpo, este esquema seco da sociedade também não nos faz suspeitar a luta surda e subterrânea dos grupos, a ininterrupta substituição dos indivíduos num arcabouço mais ou menos fixo.

Pois a separação das classes não é rígida como a que existe entre as castas ou, mesmo, como a que separa o grupo masculino do feminino. A classe é aberta e percorrida por um movimento contínuo de ascensão e descida, o qual afeta constantemente a sua estrutura, colocando os indivíduos de maneira diversa, uns em relação aos outros. A sociedade do século XIX, ao contrário daquela que a precedeu, não opõe mais, nem mesmo entre a burguesia e a nobreza, barreiras intransponíveis, preservadas pelo próprio Estado através das leis suntuárias ou das questões de precedência e de nível. A Revolução Francesa, abolindo os privilégios, vai destruir também o preconceito de que nobreza e burguesia "eram duas raças humanas distintas, cuja separação havia de subsistir até no outro mundo"² E a nova força que surge dos escombros da antiga ordem é a classe média, cuja característica principal, nas palavras de Simmel, é ser expansiva para cima e para baixo, seu impulso de ascensão sendo tão violento que a leva a desrespeitar a força repulsiva da nobreza.³

Esta possibilidade nova de comunicação entre os grupos substitui a antiga fixidez, ou melhor, a fixidez relativa da estrutura social, por uma constante mobilidade, fazendo com que a sociedade se assemelhe, na admirável comparação de Proust,

“aos caleidoscópios que giram de tempos em tempos, colocando sucessivamente de maneira diversa elementos que acreditávamos imóveis, e compondo uma outra figura”.⁴ Agora, romperam-se de certa forma os quadros estáveis e nenhuma posição é permanente, já que os privilégios foram substituídos pelas qualidades pessoais e os critérios absolutos de julgamento, de uma pessoa ou de um grupo, cederam lugar aos critérios flutuantes e variáveis.⁵ Por isso, a cada passo o sensível caleidoscópio adota uma nova disposição, gerada ora por uma brusca mudança de critério, ora por pequenos acidentes, como uma transação econômica certa, uma amizade proveitosa, um golpe da fortuna, que sub-repticiamente transferem o indivíduo de classe:

“Numa época um pouco posterior àquela em que eu começava a freqüentar a casa de Mme. Swann, o caso Dreyfus acarretou uma nova mudança e o caleidoscópio fez girar de novo os seus pequenos losangos coloridos. Tudo o que era judeu, mesmo a senhora elegante, passou para baixo e os nacionalistas obscuros subiram tomando-lhe o lugar. O salão mais brilhante de Paris passou a ser então o de um príncipe austríaco e ultracatólico. Mas se em vez do caso Dreyfus sobreviesse uma guerra com a Alemanha o giro do caleidoscópio se faria noutro sentido. Os judeus, revelando-se patriotas, para espanto geral teriam conservado sua posição, e ninguém mais ousaria ir, nem mesmo confessar ter ido um dia à casa do príncipe austríaco.”⁶

É esta precariedade das posições sociais que Balzac sintetiza muito bem numa frase do *TRAITÉ DE LA VIE ÉLEGANTE*:

“O talento, o dinheiro e o poder conferindo os mesmos direitos, o homem aparentemente frágil e despojado que cumprimentais contrafeito com um ligeiro aceno de cabeça, logo estará no ápice do Estado, e aquele que saudais obsequiosamente voltará amanhã ao nada da fortuna sem poder.”⁷

Em sociedades de formação recente, como no Brasil do século XIX, onde os grupos não se encontram suficientemente caracterizados, diferenciando-se entre si por uma tradição de usos, costumes e maneiras próprias, a posse da riqueza é a

grande modificadora da estrutura social. O nosso romance romântico é rico em observações sobre o poder do dinheiro, que Alencar considera "a primeira força viva da existência":

"Habituei-me a considerar a riqueza como a primeira força da existência e os exemplos ensinaram-me que o casamento era meio tão legítimo de adquiri-la como a herança e qualquer honesta especulação."⁸

E que Macedo acredita comandar a tábua de valores vigentes, conferindo qualidades imprevistas ao seu possuidor:

"Uma mulher rica é a chave de ouro que abre as portas da política e das grandezas, é o talismã poderoso que tornará o marido homem de bem ainda que seja um tratante, formoso como Adônis ainda que seja um Vulcano! uma mulher que se faz acompanhar de pingue dote é fresca como um botão de rosa, mesmo tendo mais de 60 anos de idade, e bela como a Vênus de Milo, mesmo com uma cara de desmamar crianças."⁹

Ou que para Machado de Assis se alastra num sentimento universal de posse:

"Cotejava o passado com o presente. Que era há um ano? Professor. Que é agora? Capitalista. Olha para si, para as chinelas... e tudo, desde as chinelas até o céu, tudo entra na mesma sensação de propriedade."¹⁰

Com efeito, o padrão pecuniário é todo-poderoso e dirige as relações sociais, multiplicando as amizades e guiando os impulsos do coração:

"As revoltas mais impetuosas de Aurélia eram justamente contra a riqueza ... sem a qual nunca por certo, apesar de suas prendas, receberia ... a vassalagem que lhe rendiam. Por isso mesmo considerava ela o ouro um vil metal que rebaixava os homens: e no íntimo sentia-se profundamente humilhada pensando que para toda essa gente que a cercava, ela, sua pessoa, não merecia uma só das bajulações que tributavam a cada um dos seus mil contos de réis."¹¹

Um livro como QUINCAS BORBA, de Machado de Assis, dá-nos a visão preciosa de uma sociedade desse tipo, onde à riqueza cabe a supremacia, a felicidade nos negócios fazendo o indi-

víduo alcançar um alto posto na escala social, da mesma forma que uma herança dilapidada o arremessa ao ponto inicial donde partira para uma trajetória brilhante e fugaz.¹² Dá-nos uma visão preciosa desse recompor-se constante do caleidoscópio, com os afastamentos infindáveis das amizades antigas, o apego sôfrego dos mais modestos aos hábitos da classe dominante, a amargura dos que se negam a aceitar a figura movediça da sociedade:

“Ora o Palha um pé-rapado! Já o envergonho. Antigamente: major, um brinde. Eu fazia muitos brindes, tinha certo desembaraço. Jogávamos o voltarete. Agora está nas grandezas; anda como gente fina. Ah vaidade deste mundo! Pois não vi outro dia a mulher dele num *coupé* com outra? A Sofia de *coupé*!”¹³

Porém, nas sociedades em que as classes se encontram separadas por estilos de vida diversos, conservados pela tradição, o sentimento de classe é muito forte e a comunicação entre os grupos se faz laboriosamente. A posse do dinheiro não é um elemento tão efetivo de subida não só porque o que distingue as classes entre si é menos a riqueza que a sua utilização, como também porque a realidade das mesmas reside de maneira bastante nítida num julgamento de opinião — o homem não vale pelo que tem mas pela consideração que goza.¹⁴ Ora, nesta “consideração” a riqueza é apenas um dos elementos, a família, a situação social e, mesmo, a participação na vida mundana sendo outros tantos, não menos importantes.¹⁵ E assim como um acidente pode, segundo vimos, privar o indivíduo dos bens econômicos ou acrescentá-los aos outros elementos de prestígio, um casamento brilhante ou a simpatia de uma *coterie* na moda modificará a seu favor o julgamento de opinião de todo um grupo.

Pois a vida mundana, mesmo a que se realiza nos salões aristocráticos, é relativamente aberta. À volta do núcleo central da elite está sempre girando um círculo flutuante bastante vasto, que procura pautar sua vida pelo ritmo desta última e a ela assimilar-se pela identidade de comportamento.¹⁶ A nova sociedade, de barreiras bem mais atenuadas, a cada passo está

oferecendo oportunidades a esses arrivistas em pleno movimento ascensional, nos constantes contatos diários, nos passeios públicos e nos teatros e, sobretudo, nas festas de caridade e nas estações de águas para onde, da segunda metade do século em diante, se transferem, de tempos em tempos, os grupos ociosos. Estas breves relações superficiais quase sempre sem conseqüências, que se estabelecem entre indivíduos de classes diversas, como por exemplo a dama aristocrática e a burguesa enriquecida que não tem ingresso em seu salão, podem, contudo, auxiliar uma integração efetiva. Especialmente se o contato efêmero se reforçar através de apadrinhamento ilustre — como é o caso de Becky Sharp com Lord Steyne em *THE VANITY FAIR*, de Thackeray — ou de um astucioso mimetismo que, copiando com maestria o estilo de vida do *grand monde* faz com que este, quase sempre sem perceber a artimanha do arrivista, o aceite como um dos seus. Este processo é mais eficaz que a posse simples do dinheiro ou os privilégios de nascimento, quando ambos não se fazem acompanhar de um correspondente requinte de maneiras de ser e de sentir. No salão Guermantes, o narrador de Proust será mais depressa recebido que a marquesa de Cambremer.

Portanto, ainda nestes círculos de acesso mais difícil, o caleidoscópio social está sujeito a mudanças. E toda a série de *À LA RECHERCHE DU TEMPS PERDU*, grande parte da *LA COMÉDIE HUMAINE* e do romance brasileiro da segunda metade do século — principalmente a obra de Machado de Assis — formam uma exemplificação exaustiva das variações no tempo da figura da sociedade, as quais fazem com que “um mesmo ser, tomado em momentos sucessivos de sua vida, banhe em diferentes graus da escala social em meios que não são forçosamente mais elevados”.¹⁷

No entanto, mais curiosa que a variação do caleidoscópio no tempo é a sua variação no espaço. Pois se lá a demarcação social que a todo momento se recompõe deriva das oscilações quer da riqueza, quer dos critérios de julgamento, aqui provêm talvez da diversidade de métodos de que lançam mão o campo



e a cidade para demonstrar a posição social de seus membros.

Enquanto no grande centro urbano é através do consumo de bens e do requinte de maneiras que julgamos a respeitabilidade de uma classe, o indivíduo tendo necessidade, para atingir um círculo muito mais vasto, de acentuar as diferenças sociais nos elementos passíveis de observação direta — como a vestimenta —, no campo, onde o vínculo é comunitário e o grupo suficientemente pequeno, é através do conhecimento efetivo da história de cada um — de sua história familiar, econômica ou



social — que situamos o indivíduo nesta ou naquela classe.¹⁸ Os valores preponderantes são, por conseguinte, outros: a ostentação da riqueza espelha-se — como diz Gilberto Freyre, referindo-se ao Brasil — “nos cavalos ajazados de prata... no número de escravos e na extensão das terras”.¹⁹ Em contraste com a vida europeizada dos burgueses de sobrado, esses rudes fazendeiros ricos movem-se dentro do maior desconforto, dormindo em catres ou redes, habitando casas nuas, com as roupas guardadas nos baús ou suspensas em cordas.²⁰ A vestimenta, como o interior das moradias, desconhece a moda. E para verificarmos a veracidade desta afirmação basta nos determos um momento diante de certas fotografias de fazendeiros, como a coleção, de 1876, onde vem retratada uma família do interior paulista. É provável que todas as chapas — onde vemos, cada um por sua vez, o velho chefe, a esposa e os filhos do casal, solteiros e casa-

dos com suas mulheres e maridos — tivessem sido batidas no mesmo dia, por um fotógrafo ambulante, em trânsito pelo lugar. Na aparência dessas pessoas nada revela a posição social de destaque, a qualidade de ricos proprietários rurais. Nenhuma concessão na roupa muito simples: sobrecasaca preta folgada, cômodas botinas de elástico para os homens; vestido preto desataviado das mulheres, em que se repete com monotonia nas seis moças — filhas e noras — exatamente o mesmo feitio, com duas pequenas variantes nas golas e nas mangas. O mesmo penteado liso, repartido ao meio, a mesma fivela para todas as cinturas. Apenas a mãe demonstra um cuidado maior no feitio mais elaborado da vestimenta com as suas três ordens de franzidos, nos debruns de veludo sobre a nobreza preta e nas jóias. Poucas jóias — o habitual trancelim de ouro donde pende uma cruz e que depois de contornar o pescoço se fixa na cintura, terminando num pequeno relógio. No pulso esquerdo um bracelete. Mas completemos o exame com outra fotografia, talvez um pouco anterior a esta série, do patriarca montado a cavalo, diante de casa. De novo a sobrecasaca de todos os momentos, mais o chapéu de abas largas e o rebenque na mão. No primeiro plano se eleva a figura realmente temível do velho senhor rural, no segundo plano, sustentando as rédeas do cavalo e subindo pelas escadas da habitação rústica da fazenda, alinham-se os escravos, desde o pajem descalço na sua versão mais modesta da sobrecasaca do amo, até as negras com as suas crias; em seguida, meio escondidas pelo imponente vulto eqüestre, as filhas e a mulher. Dificilmente se encontrará no Brasil um documento revelador como este do espírito da sociedade rural de então e de um tipo de prestígio que, para se exhibir, apóia-se diretamente nos bens efetivos, a terra, os escravos, os filhos, a mulher, desprezando os “símbolos” da situação social, dominantes na cultura urbana.

Esta oposição abrupta entre o estilo de vida do campo e o da cidade, que assim se reflete em duas atitudes opostas diante da vestimenta, não é um fenômeno brasileiro. Mais evidente em certos recantos, mais atenuada em outros, existe sempre. “A oposição à moda por parte das camadas rurais — diz Ayala —

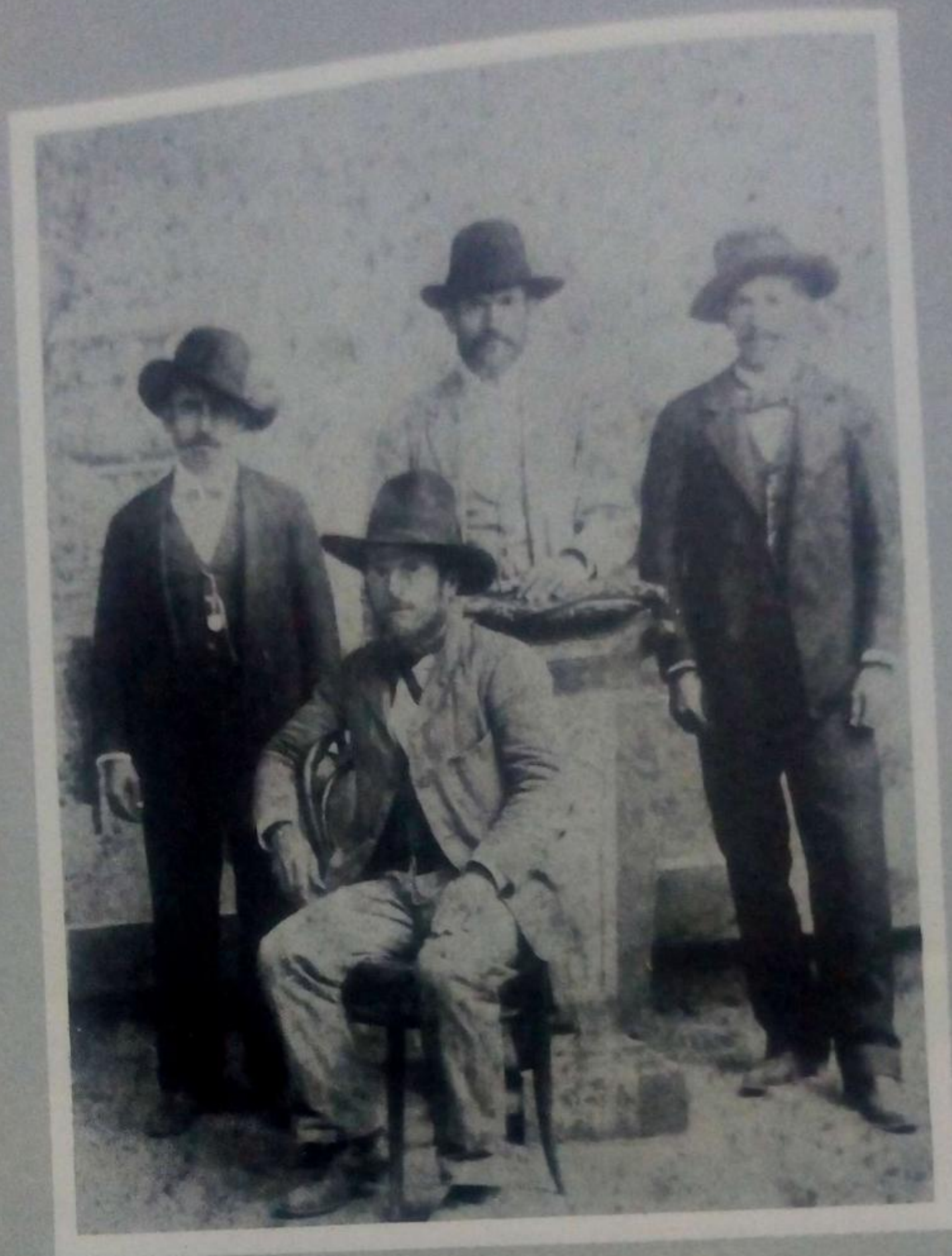


manteve-se integral e muito vigorosa até época recente, pois os membros dessas camadas permaneciam como vinculados à gleba, fiéis à concepção medieval da vida e, enquadrados em sua posição, repeliam com dignidade e pudor toda sugestão que os convidava a participar das manifestações da moda. Mantinham-se apegados à indumentária tradicional ou típica, distinta do traje citadino; e só a atração das cidades, mediante a conscrição militar, o serviço doméstico e o mercado de trabalho industrial, começou a quebrar aquela atitude que se desenvolve definitivamente, quando, na última fase da sociedade burguesa, os protótipos urbanos se estenderam aos núcleos rurais, desmantelando aqueles últimos redutos da tradição pré-burguesa.²¹ Quando finalmente — acrescentamos nós — a construção das estradas de ferro e o desenvolvimento da imprensa destruíram lentamente a “diversidade no espaço” de que fala Tarde, espa-



lhando por todo o canto o desejo de um gênero idêntico de conforto, moradia, vestimenta e polidez.²²

Então, um curioso fenômeno se manifesta, à medida que o isolamento do campo é rompido e o senhor rural restabelece com a cidade um contato mais ou menos perdido. A limitação dos grupos rurais e a falta de pontos de reparo, impedindo a visão panorâmica da sociedade, havia desenvolvido em cada pequena comunidade uma certa miopia e estabelecido figuras locais de validade absoluta. Por isso, cada lugarejo tinha, como Balbec, a sua marquesa de Cambremer, que dominava de "muito alto, por seu nascimento e a sua fortuna, a pequena nobreza dos arredores"²³ Mas transferindo-se para o grande centro urbano, definitivamente ou numa das visitas periódicas que a facilidade maior de comunicação agora torna possível, o indivíduo sofre um desnivelamento fatal, derivado da oposição entre



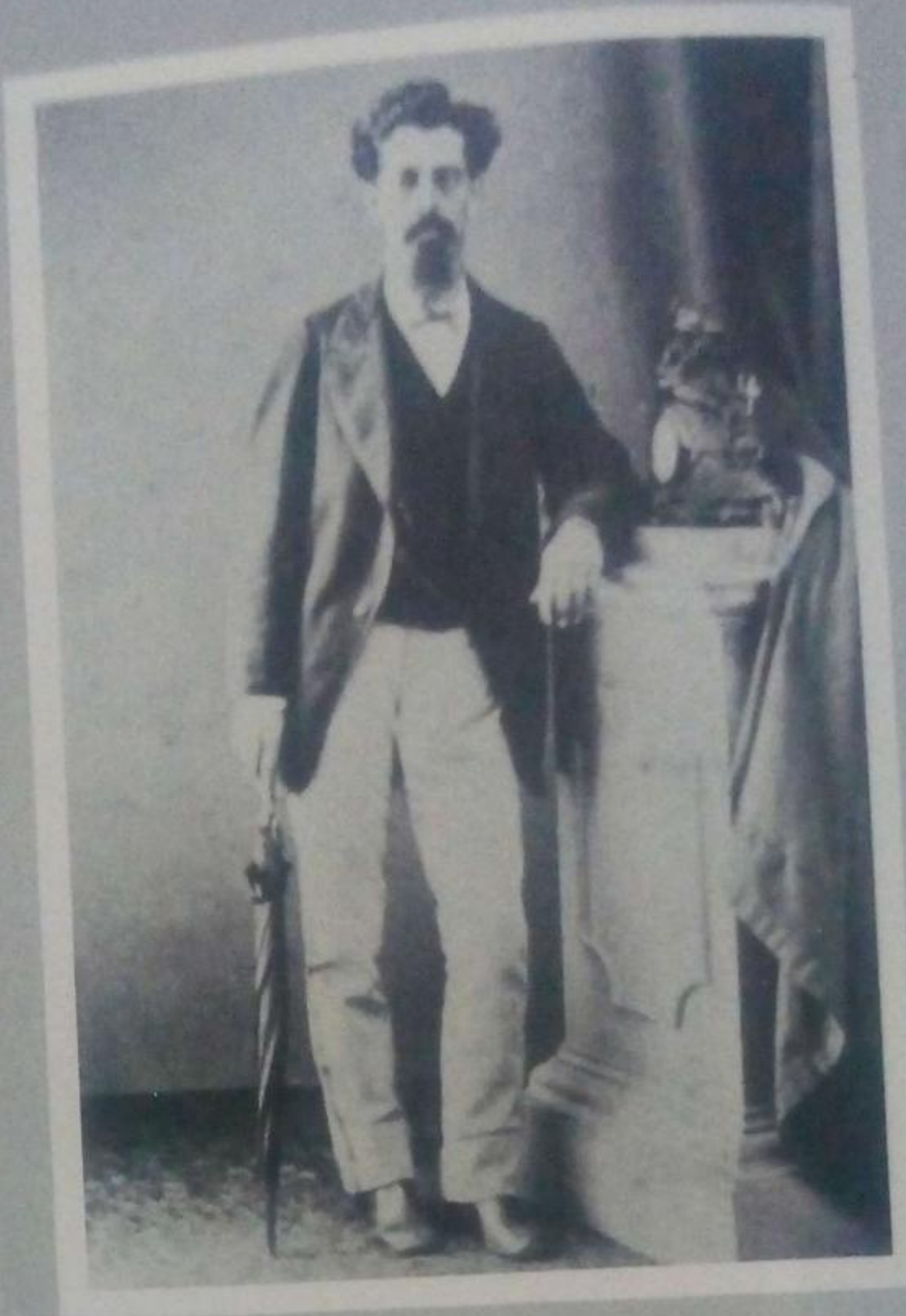
os valores que no campo definem o seu prestígio e aqueles que imperam na cidade. Longe dos conhecimentos de vizinhança, nos quais se assenta em grande parte o sentimento de sua posição social, dissolve-se no anonimato da massa cidadina. No Brasil, o atraso de estilo de vida, a rusticidade de maneiras e de vestimenta o transformaram no matuto da nossa literatura e do nosso folclore.²⁴ E uma coisa tão insignificante quanto um simples salto no espaço provoca a recomposição completa no sensível caleidoscópio social.

122

O coronel – no centro e em pé –, entre os cabos eleitorais, em dia de eleição.



Uma sociedade deste tipo, em que as relações sociais estão sujeitas a freqüentes mudanças no tempo e no espaço; em que predomina uma variedade muito grande de critérios de julgamento; em que as demarcações sociais não são intransponíveis e a comunicação entre os grupos é uma regra — uma sociedade deste tipo, em que a classe é uma coisa relativa e os critérios de que lançamos mão para julgá-la são precários, favorece fatalmente o desenvolvimento daquilo que Tarde chamou o “espírito de moda”. A imitação não funciona mais no interior de



um grupo, como a família, auxiliada pela hereditariedade, preservando os usos e costumes no tempo e diferenciando-os no espaço; mas realiza-se fora, pela livre imitação do exterior: “Isso significa que cada um, em vez de se propor por modelo único o patrão, o chefe, os decanos de sua família profissional, lança os olhos em volta de si e procura copiar os membros de outras carreiras”.²⁵ Procura imitar os padrões das classes mais altas, pois são elas que determinam o esquema de vida da comunidade.²⁶ Ora, neste impulso de identificação das classes a vestimenta talvez seja o sinal mais eficaz, de influência direta sobre o próximo: “A vantagem que o gasto com a roupa apresenta sobre os outros métodos é que a vestimenta está sempre em evidência e oferece, à primeira vista, a todos os observadores, uma indicação de nosso padrão pecuniário” — observa

Veblen.²⁷ É a mesma verdade sociológica que Balzac expressa de maneira irreverente:

“Como a vaidade é a arte de se endomingar todos os dias, cada homem sentiu a necessidade de ter, como marca de seu poder, um sinal encarregado de avisar aos passantes o lugar que ocupa no grande pau de sebo em cujo topo os reis fazem ginástica.” Foi assim que as roupas “se transformaram, sucessivamente, em sinais materiais do maior ou menor número de fantasias que tinha o direito de satisfazer, do maior ou menor número de homens, de pensamentos, de trabalhadores que lhe era possível explorar. Então um transeunte, apenas olhando, distinguia um ocioso de um trabalhador, uma cifra de um zero”.²⁸

Isto porque a vestimenta é uma linguagem simbólica, um estratagema de que o homem sempre se serviu para tornar inteligíveis uma série de idéias como o estado emocional, as ocasiões sociais, a ocupação ou o nível do portador.²⁹ Cada classe, por exemplo, possuía um certo número de sinais que a caracterizavam: uma amplitudão determinada da saia das mulheres ou do gibão dos homens,³⁰ um dado comprimento ou uma dada largura dos sapatos,³¹ uma extensão diversa da cauda, dos véus³² ou das mangas.³³ Tais recursos, que à medida que se elevava na escala social se tornavam mais exagerados, teriam como objetivo — é o ponto de vista de Veblen — demonstrar através do desconforto, a todos os observadores, que seu portador não estava empenhado em nenhuma espécie de trabalho produtivo e pertencia, por conseguinte, à classe privilegiada, à classe ociosa.³⁴ Esta seria a razão da voga das unhas longas e dos saltos altos, que tolhiam a agilidade e os movimentos. Estendendo a outras manifestações da moda o ponto de vista de Veblen, diríamos que tinham a mesma finalidade as luvas extraordinariamente justas da época vitoriana que, na opinião de Cunnington, deformavam a mão das mulheres de maneira quase análoga aos pés das chinesas. Ou os espartilhos, que comprimindo violentamente as formas femininas, dificultavam a respiração. Todos esses expedientes, que pareciam desempenhar uma função esté-



tica, eram na verdade empecilhos vitais, usados para sublinhar o nível social.

Mas detenhamo-nos um pouco neste último elemento de distinção social — o espartilho ou colete — que perdura até nossos dias e deriva da *basquine* ou do *vertugadin* do século XVI. Desde então até o advento do esporte, excetuando alguns breves momentos de desprestígio, o espartilho tem reinado, embora mudando de nome e de forma, sempre indiferente às

acusações que se elevam contra ele. Pelo século XIX afora ressoam nos jornais e revistas os protestos contra os seus inconvenientes, "as opiniões hostis, que vêem nele um responsável terrível pelas deformações do esqueleto e curvaturas da coluna. O próprio Estado se preocupa com ele: no princípio do século XIX, a Rússia, a Baviera e a Rumânia começam a legislar contra o seu uso, que achavam extremamente nocivo, sobretudo às meninas em idade de crescimento. No entanto, a voz masculina que se eleva de quando em quando para condenar com ardor a futilidade das mulheres, provavelmente já tinha esquecido os bustos de cera que, segundo diziam, se fabricavam em Londres por volta de 1789 e estufavam as colantes casacas masculinas; ou as não menos higiênicas constrictões de que lançavam mão os homens, de conseqüências às vezes desastrosas, como as que sofreu um certo senhor Dorville no baile de Ano Bom da embaixada russa em Berlim, o qual, segundo Max von Boehn, "depois de muito bailar caiu sem sentidos, pois por vaidade havia apertado a cintura, o pescoço e os joelhos, a ponto de morrer".³⁶

Mas é preciso convir que o espartilho é no século XIX quase exclusivamente feminino. A nova era que se abre com a Revolução Francesa despreza, juntamente com todos os outros símbolos de classe, este elemento poderoso de distinção, e a voga da falsa naturalidade e das túnicas pseudogregas abala o seu prestígio. Mas de 1830 em diante, rompendo o círculo restrito das elegantes, o espartilho começa a ser usado pelas mulheres dos níveis mais diversos; ligando a sua história à ascensão da burguesia e à difusão das idéias democráticas.³⁷

A saia-balão e a crinolina³⁸ são outros dois símbolos de classe que, alcançando o seu exagero máximo justamente no período em que o desenvolvimento das estradas de ferro incrementava as viagens, mostram como coerência e comodidade são elementos estranhos à moda, sobretudo à moda feminina. Ambas tolhiam sobremodo os movimentos: a saia-balão, com a série portentosa de anáguas engomadas, seis ou sete ao todo, incluindo a indispensável, de flanela vermelha; a crinolina, com a monumental armação de aço que entulhava as salas, por maio-



res que elas fossem, e só por milagre cabia nas acomodações exíguas dos trens. Em 1860 a imperatriz Eugênia abandona esse mecanismo disfuncional, como diríamos hoje; mas em vez da evolução da roupa se fazer no sentido da simplicidade, como seria razoável, surge o empecilho das caudas que, cada vez mais longas e elaboradas, se arrastam pesadas, varrendo a poeira e a imundície da via pública. As idéias de emancipação feminina já estão correndo o mundo, e livres da prisão doméstica as mulheres se lançam à ronda habitual dos passeios, compras e visitas.

No decênio de 80 as caudas diminuem, mas em compensação as saias ficam mais estreitas e cerram as ancas; e se andar é uma arte difícil que solicita grande habilidade, sentar-se sobre o emaranhado de fofos, apanhados e *pouffs* que ornamentam a parte posterior dos vestidos torna-se quase uma utopia. No de-



cênio seguinte o exagero é das mangas; portanto, nos últimos vinte anos do século, as mulheres têm os membros inferiores e superiores tolhidos, conclusão paradoxal se nos lembramos que por essa altura, na Inglaterra, mais ou menos 200 mil mulheres exercem profissões liberais; que em 1898, nos Estados Unidos, as médicas atingem o número espantoso de 4 555; que na França elas são admitidas em todas as Faculdades e aproximadamente 85 mil se dedicam ao ensino primário e secundário.³⁹

Como se vê, a moda tanto pode refletir as transformações sociais como opor-se a elas através de inúmeros subterfúgios, todas as vezes que há perigo de uma aproximação excessiva entre as classes e os sexos.

Mas se este mecanismo funcionava na oposição entre a

mulher que trabalha e a "dama exemplar", obrigando a primeira a desistir, de certa maneira, das imposições da moda, para só acompanhar de longe e timidamente a sua tirania, não tinha forças para afastar da competição as camadas endinheiradas que, com o crescente progresso econômico da classe média, se confundiam cada vez mais com as elites.

Com efeito, a moda é um dos instrumentos mais poderosos de integração e desempenha uma função niveladora importante, ao permitir que o indivíduo se confunda com o grupo e desapareça num todo maior que lhe dá apoio e segurança. E como as modas vigentes são sempre as da classe dominante, os grupos mais próximos estão, a cada momento, identificando-se aos imediatamente superiores através da imitação da vestimenta. Foi este fato que chamou a atenção de Proust, quando fez o narrador de seu romance concluir, examinando um daqueles alto representante da aristocracia "era em tudo semelhante, na vestimenta, no ar, nas maneiras", ao seu tio-avô, bom burguês... Acrescentava ainda, no mesmo trecho que, vistas à distância, as diferenças sociais fundiam-se de tal forma na uniformidade de uma época, "que para perceber que um nobre do tempo de Luís Filipe difere menos de um burguês do tempo de Luís Filipe que de um nobre do tempo de Luís XIV, não é preciso percorrer as galerias do Louvre."⁴⁰ Talvez houvesse algum otimismo arrivista na observação, mas em linhas gerais ela era verdadeira e explicava o motivo pelo qual, no decorrer do século vão apegar-se com tanto empenho às modas as camadas subitamente enriquecidas e a classe média em geral.

Mais do que quaisquer outros estes grupos instáveis, mal contidos em quadros de demarcação incerta, temem o desnivelamento. Ou, servindo-nos da terminologia de Goblot, possuem um grande sentimento de classe porque, muito perto da *barreira*, os que estão logo abaixo desejam subir, os que estão logo acima temem descer.⁴¹ Daí se agarrarem a certos símbolos exteriores, o esnobismo confundindo-se com o instinto de autopreservação e se refletindo no interesse exagerado por tudo



131

Muitos deles possuíam, nos menores detalhes, os conhecimentos de *tudo que era vestimenta e maneira de usá-la.*

o que está na moda. Laver assinala como, na Inglaterra, talvez nunca tenha havido esnobismo maior que o do princípio da era vitoriana,⁴² e Proust assinala como, nos jovens de certos grupos ligados à indústria e de recente fortuna, “o conhecimento de tudo que era vestimenta, maneiras de usá-la, cigarros, bebidas inglesas, cavalos — que eles possuíam, até nos menores detalhes com uma infalibilidade cheia de orgulho que atingia a modestia silenciosa do sábio — havia se desenvolvido isoladamente sem ter feito acompanhar da menor cultura intelectual”.⁴³ Apreensivos com a perda de posições tão dificilmente conquistadas, inscrevem no curso de suas vidas as manias, as vogas passageiras;⁴⁴ dão à sua aparência uma importância excessiva, temendo que o juízo do próximo seja desfavorável. Por isso, enquanto Mme. de Guermantes, mulher da primeira nobreza da França, aceita como concessão o papel tão inferior de mulher elegante, Becky Sharp, filha obscura de um pintor bêbado, a ele se agarra; indiferente às dívidas e à honra do marido, quer que a vejam sempre como uma “imagem vivificada do MAGASIN DES MODES”, sempre sorrindo nas mais lindas roupas novas, substituindo a cada momento os chapéus onde desabrocham flores ou magníficas penas crespas de avestruz.⁴⁵

Mas pouco a pouco vai-se tornando difícil a distinção das classes pelos sinais exteriores da vestimenta. E por uma curiosa inversão de papéis, aqueles a quem o alto nascimento já conferia prestígio suficiente se desinteressam desses meios de afirmação a que se entregam sofregamente os plebeus. Em 1881 o BURLINGTON MAGAZIN estranhava, rendendo-se contudo à evidência de que nem a rainha Vitória nem suas filhas jamais houvessem dado origem a uma moda, ou influído de qualquer maneira nos vestidos da época.⁴⁶ E se folharmos a REVISTA POPULAR de 26 de setembro de 1860 iremos encontrar numa crônica social, ao lado das descrições dos suntuosos trajés de sra. Etcheg... da filha do sr. Amar... e da condessa de C. na inauguração dos novos salões do Cassino, apenas uma breve mas eloqüente menção do cronista: “Suas majestades estiveram presentes, e a imperatriz foi a primeira a dar o exemplo da singeleza do tra-



jar”. A liderança da moda passara aos arrivistas e, principalmente, às *cocottes* e às atrizes.

Entre a nobreza que deixa cair o cetro e os novos grupos que dele se apoderam, eleva-se, contudo, a figura majestosa da imperatriz Eugênia. Como um traço de união, eqüidistante dos dois extremos, a bela ex-senhorita de Montijo é, ao mesmo tempo, a última soberana européia lançadora de modas e a primeira grande *vedette* a serviço de uma indústria que se organiza. E se por um lado a graça e a posição da imperatriz fazem a glória de Worth, por outro os esplêndidos vestidos de tule branca, de uma espantosa prodigalidade de metragem — por vezes bordados de diamantes, como aquele com que em 1862 surgiu na corte —, auxiliam a solidificar sua situação incerta de soberana sem sangue real, perdida numa corte talvez hostil.⁴⁷ A liderança da moda é um dos meios de que a real *par-*

venue se utiliza para conquistar a admiração de seus súditos.

Para as outras lançadoras de estilos, menos híbridas é verdade, o mecanismo é idêntico. A grande legião de atrizes, *femmes entretenues*, *cocottes* e *cocodettes*, agora como que se vinga de uma sociedade que as coloca à margem, dando o tom à época. E é no palco principalmente, na peça romântica ou no teatro de variedades, que começam a surgir, da segunda metade do século em diante, as novas *toilettes* que trazem, como fatalidade, a rubrica de sua origem: cores vivas contrastantes, exaustão de enfeites, ênfase nas características sexuais do corpo feminino, elaboração excessiva da *lingerie*. Já é a indústria da moda que se mascara atrás dos bastidores, empreitando subrepticiamente o serviço das *vedettes*, as quais, ao chamar a atenção dos maridos, atraem também os olhos ávidos das esposas. A nobreza se desinteressa da moda e a burguesia copia as atrizes, caindo sob a tirania dos costureiros. A disputa reflete, assim, num período de afrouxamento de barreiras, um dos muitos aspectos da luta pelo poder entre os grupos economicamente fortes que ascendem e os grupos enfraquecidos, que pouco a pouco vão perdendo os privilégios.

Mas uma classe não renuncia com facilidade a uma posição longamente ocupada e, de uma forma ou de outra, descobrirá um meio eficiente de combater a lenta absorção de seus elementos distintivos.

Agora as modas podem ser copiadas por todas as classes, pois as leis suntuárias foram abolidas. A posse do dinheiro tornou acessíveis os símbolos da vida ociosa e no amplo e variado espaço urbano — no Passeio Público, no camarote da Ópera, no Cassino, no restaurante de luxo — a arrivista começa a ofuscar a “dama exemplar” através do luxo dos vestidos. É então que uma nova barreira se interpõe entre as classes, ainda mais difícil de transpor que a antiga, pois já não se apóia na ostentação da riqueza, mas no polimento das maneiras, na composição elaborada dos gestos, enfim no elemento dinâmico da moda. A distinção econômica do luxo cede lugar à distinção estética da elegância.

O olhar arguto de Balzac logo apreendeu esta gradação imperceptível, que faz de seu admirável TRAITÉ DE LA VIE ÉLEGANTE uma curiosa refutação antecipada da teoria de Veblen. Com efeito, ao encarar a moda como manifestação predileta do ócio, processo de exhibir aos outros a capacidade que cada um tem de pagar, o economista americano irá reduzir o gosto aos cânones pecuniários, negligenciando o aspecto artístico. Balzac preferiu tomar outro partido, insistindo que “a *toilette* nunca deve ser um luxo”, que “o efeito mais essencial da elegância é esconder os meios”, fazendo as distinções de classe recaírem sempre nas “traduções materiais do pensamento, nos atos que procedem imediatamente do homem”.

A divergência entre Veblen e Balzac não se explica apenas pela diferença de época e de mentalidade do economista e do artista, mas sobretudo pela oposição das culturas a que pertencem. O primeiro, membro de uma sociedade enriquecida, sem tradição de maneiras ou de hábitos de vida, considera que na hierarquia social as distinções de dinheiro são preponderantes — e por isso vê na moda a competição do “luxo”. O segundo, mergulhado numa sociedade de classes sutilmente hierarquizadas, em que as barreiras não derivam apenas do valor pecuniário (por exemplo, as que se erguem entre a nobreza parisiense e a nobreza do campo, ou entre ambas e a alta burguesia das finanças), sublinha na moda as distinções da elegância. Ele sabe que o nível social do indivíduo não é revelado pelas jóias, botões de ouro, correntes faustosas, rendas e opulência de tecidos — e sim pela arte elaborada e difícil de “animar o repouso”, tão ligada, por exemplo, a certos elementos secundários da *toilette* feminina, como o leque, a echarpe e o xale, cuja voga presenciou atravessando o século de ponta a ponta.⁴⁸

Na verdade não há nada de excepcional nesses pedaços de fazenda, longos ou quadrados, ora de sedas berrantes e unidas, ora vaporosos e de cores muito suaves, dispostos sobre os vestidos claros da Regência. Vindos da Turquia ou de Cachemir eles invadem a França, desafiam a ira de Napoleão e dominam o século, flutuando caprichosos ou se deixando aconchegar mais ao



corpo. Nada de excepcional caracteriza essa matéria dócil e flexível com o qual cada mulher elegante compõe uma forma diversa e traduz o seu estilo pessoal. Esta manifestação dinâmica da moda se transforma de tal maneira numa distinção de classe, que já não se dizia de uma senhora que ela estava bem vestida, mas “bem panejada”, a elegante demonstrando através da “dança do xale” a harmonia entre a sua alma e a vida exterior e material; a burguesa, deixando entrever as arestas, a dificuldade, enfim, de dar nobreza às coisas.

A mesma função desempenha o leque, acessório indispensável sem o qual nenhuma mulher de nível se apresentava em público, no teatro, no baile, no passeio, no *boulevard*, e que sublinhava a graça dos movimentos, dando vida à muda linguagem amorosa dos rubores e dos olhares oblíquos.⁴⁹

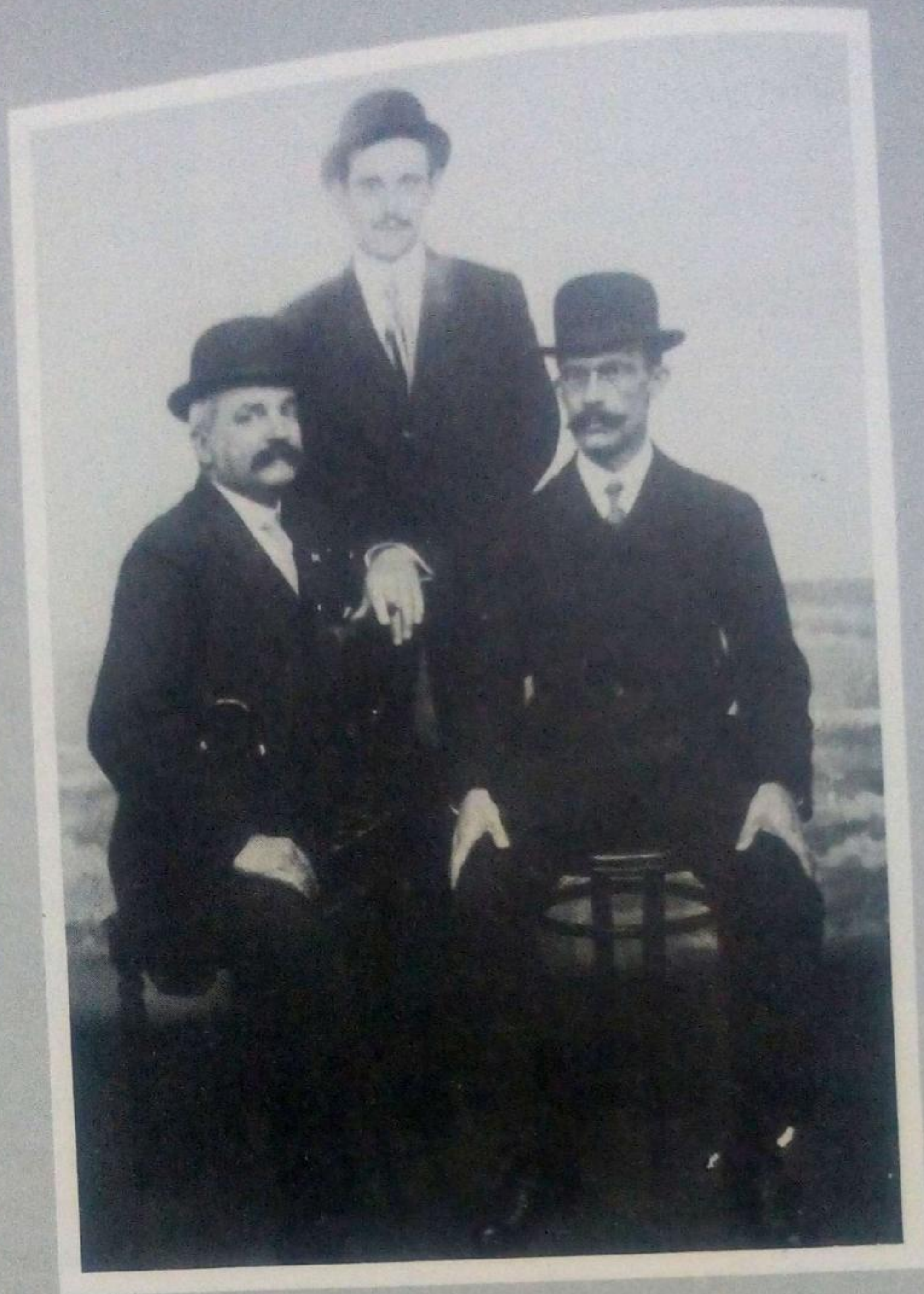
A estes elementos poderemos acrescentar ainda o apañhar das saias — já mencionado no capítulo anterior —, o solevar das caudas elaboradas que começam a surgir depois do desaparecimento da crinolina. Com o conjunto destes gestos é que a dama exemplar tecia o arabesco imponderável, característico de sua classe.

O homem, por sua vez, não desprezava o uso de recursos igualmente sutis. O manejo concomitante da cartola, da bengala e das luvas, por exemplo, dava lugar a uma ritmia especial de movimentos que se espalhava no jogo harmônico da saudação, na própria cadência do andar, a classe revelando-se com a mesma segurança na maneira de atar a gravata e no jeito de movimentar a bengala. Eis, por exemplo, como Proust descreve o cumprimento inconfundível de um Guermantes:

“A flexibilidade física essencial aos Guermantes era dupla: graças a uma delas, sempre e todo o momento em ação, se um Guermantes ia, por exemplo, cumprimentar uma senhora, obtinha de si mesmo uma silhueta feita do equilíbrio instável de movimentos assimétricos e nervosamente compensados, uma perna arrastando-se um pouco, de propósito ou porque muitas vezes tendo-se quebrado na caça, imprimia ao torso, para alcançar a outra perna, um desvio ao qual o levantar-se de um ombro fazia contrapeso, enquanto o monóculo, instalando-se no olho, suspendia uma sobancelha ao mesmo tempo em que o topete do cabelo se abaixava com o cumprimento...”⁵⁰

É que à medida que as diferenças exteriores se atenuam pela generalização da moda, o indivíduo tende a revelar o seu nível “não tanto pela fazenda, o chapéu, as jóias, mas pela educação, jeito de andar, maneiras”.⁵¹ Numa sociedade em que as pessoas se confundem a todo momento nos lugares públicos e os grupos se substituem com extraordinária rapidez, o olhar apurado tem de distinguir a *femme comme il faut* da burguesa,⁵² o aristocrata rico do homem rico das finanças,⁵³ e mesmo a nobreza antiga da nobreza do Império.⁵⁴

O movimento inexorável de difusão não vai perdoar nem mesmo este último reduto das distinções sociais. Lentamente as



camadas enriquecidas, em franco movimento ascensional, aprenderão com as elites a estar sempre prontas, sempre semelhantes a si mesmas, esquecendo o preconceito do domingo. A sensibilidade é difícil de ser copiada mas também ela se apura. Em breve aqueles que a natureza dotou de intuição artística saberão anular os afastamentos impostos do exterior, assimilando o aspecto lúdico que a moda adquiriu quando a competição recuou para o terreno estético. Vendo fracassar este meio de dis-

138

O olhar apurado da objetiva fotográfica distingue, em Paris, o fazendeiro abastado, mas provinciano, do rico fazendeiro cosmopolita.



tinção, a luta de classes se fará então através da rapidez das mudanças. Pondo a seu serviço o aparato de uma indústria organizada, a moda acelera o ritmo.

Foi este fato que Spencer não previu, pois esforçando-se por encontrar em toda a parte a “lei da diferenciação progressiva”, a passagem do homogêneo ao heterogêneo, que leva as sociedades modernas de forma militar e autoritária à forma industrial e individualista, chegou fatalmente à conclusão de que

o futuro traria a autonomia pessoal. Autonomia do indivíduo diante do Estado, que iria se atrofiando progressivamente em seu papel controlador, autonomia do indivíduo em face do domínio da moda. Quando os privilégios de nascimento se abolissem por exemplo, a indisciplina da vestimenta — que já se observava nos homens afeitos às idéias democráticas — conduziria à singularidade da decoração pessoal.⁵⁵

A idéia, característica do liberalismo inglês otimista do século XIX, foi porém contraditada pelos fatos. Não só as funções do Estado se multiplicaram, limitando cada vez mais as liberdades individuais, como a democracia, tornando possível a indústria dos costureiros, inventou uma nova forma de anular a personalidade de cada um. Estamos bem longe do Renascimento italiano, quando, tendo as distinções de nascimento desaparecido, os florentinos se abandonaram ao exibicionismo de suas qualidades, criando para si estilos de vestimenta de extraordinária fantasia.⁵⁶ Agora a divisão do trabalho é todo-poderosa e começam a surgir os donos do gosto, a nova raça de ditadores da moda, de que Worth é o primeiro e talvez o maior representante do século. A mulher não escolhe mais nem deseja escolher sua *toilette*, limita-se a procurar o tirano que, medindo-a de alto a baixo, decide por ela qual o traje que melhor lhe assenta.⁵⁷ O sucesso de Worth incentiva a aventura de outros e novos costureiros surgem montando suas indústrias: Doucet, Rouff, Paquin, Redfern, Poiret. No círculo de aço das grandes casas de moda, as elites caem aprisionadas.

Um pouco afastado desse núcleo central, um público sôfrego, até o qual chegam pelas luxuosas revistas mundanas os ecos da vida elegante, aspira, na penumbra em que se encontra, à mesma existência de beleza. Seu orçamento é limitado e para satisfazê-lo surgem os *ersatz* da moda, a cópia fiel do modelo ou a mistificação *bom marché*. Quanto mais rapidamente se exhibe a cópia, tanto mais depressa o estilo muda. Pois o espetáculo da submissão feminina logo levará os costureiros a forçar o ritmo da moda, a acelerar a rapidez das mudanças lançando, em espaços cada vez mais breves, novos estilos de vestimenta que seus

nomes prestigiam. Não é o vestido que importa, mas a etiqueta do criador. Todos abandonam as modas da última estação porque Worth estabeleceu os tecidos leves para os trajes, com *ruches* de 700 metros e Poiret, as cores violentas e as saias drapeadas ao gosto oriental.

Assim, a sociedade democrática, que teoricamente oferece a todos as mesmas oportunidades e na qual, segundo Spencer, iria desenvolver-se, pela libertação da moda, o gosto individual, acaba massacrando as elites nos tentáculos da indústria costureira, reforçando o desejo de igualdade da burguesia através da propaganda e atirando fora da competição todo o proletariado. Essa mesma democracia que não estabelece barreiras nítidas entre as classes inventa um novo suplício de Tântalo: permite que as elites usufruam uma moda que a classe média persegue sem jamais alcançar e que os pequenos funcionários e todos os párias sociais espiam nas vitrinas com o olhar sequioso.